

História da Filosofia

61 A Filosofia do Processo de Whitehead

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Bem, de qualquer forma, esta semana vamos nos concentrar em Whitehead, na filosofia do processo e na teologia do processo, devido aos dois filósofos do processo que Stumpf discute no mesmo capítulo: Bergson e Whitehead. Escolhi focar em Whitehead simplesmente por causa de sua forte influência no desenvolvimento da teologia do processo. Veremos os primórdios disso em Whitehead e, mais adiante, farei alguns comentários sobre outros aspectos.

Mas Whitehead é, sem dúvida, dos dois, o mais influente na segunda metade do século XX. Você ainda não começou a ler Whitehead. Suponho que isso signifique que você nem sequer começou a ler o capítulo de Stumpf em que ele apresenta Whitehead.

Bem, ele começou como matemático em Cambridge. Mais tarde, tornou-se filósofo da ciência na Universidade de Londres. E aos 63 anos, quando pensava em se aposentar, tornou-se professor de filosofia em Harvard, onde permaneceu por cerca de 15 anos, se não me engano.

E quando finalmente se aposentou, continuou morando lá, à sombra do Harvard Yard, e com a casa aberta para alunos e professores, e assim as conversas com Whitehead foram registradas a partir daquele momento até sua morte, creio que aos 88 anos. Ele nasceu em 1859, se não me engano. Deixe-me começar falando um pouco sobre as influências que moldaram seu pensamento.

bem o idealismo em Hegel . Evolucionário, sim, por causa de sua ênfase no desenvolvimento histórico.

Vários Os idealistas do século XIX e seus sucessores, de que falamos na semana anterior ao recesso, podem ser considerados idealistas evolucionistas. Sim, eles acreditam na teoria da evolução, seleção natural, se preferir, ou em várias outras formas da teoria da evolução. Mas eles não são naturalistas filosóficos, nem naturalistas metafísicos.

Eles são idealistas. Portanto, a teoria da evolução é compatível com o naturalismo, compatível com o idealismo, segundo essas pessoas. E o argumento delas é que, embora a realidade subjacente seja da natureza do espírito, espírito absoluto no caso de Hegel, existem vários graus em que esse espírito imaterial, livre e criativo se manifesta plenamente nos fenômenos da natureza, da existência humana e da história da humanidade.

Assim, o processo evolutivo, a evolução biológica, a evolução cultural, o processo evolutivo geral é compreendido em termos do desdobramento dialético do absoluto, entende, até um ponto em que essa liberdade de espírito se torna autoconsciente em vez de apenas implícita. Mas inconsciente. Portanto, a expressão autoconsciente do espírito livre e criativo na cultura é o ápice para o qual o processo evolutivo caminha.

Ora, esse tipo de pensamento evolucionista estava inserido num contexto idealista. E assim, a consciência é a chave, o modelo básico. O que é essa autoconsciência em desenvolvimento? Essa é a chave.

E, obviamente, o desdobramento da autoconsciência não é uma substância. Hegel não concebe o espírito como uma substância imutável, mas como um processo criativo. Não é substância, mas processo.

Assim, ocorre uma mudança na noção básica da realidade, partindo da imutabilidade de algumas coisas fundamentais. Seja a água de Thaly, ou o que for, ou o pensamento de Descartes, ou o que for. Da substância imutável para algum tipo de processo dialético que possui, como em Hegel, sua estrutura geral de logos, mas não uma substância imutável.

É a estrutura do processo que permanece imutável, não o que muda, entende? Então, em Hegel, isso se traduz na noção de processo de Whitehead. E, assim como Hegel, ele faz uma fenomenologia do processo.

Ou seja, uma fenomenologia da consciência. Um relato descritivo de como é o processo, da estrutura dos eventos que o compõem. E o processo não é algo mecanicista, como na ciência do século XVIII.

Mas o modelo é mais orgânico do que mecânico. Mais parecido com um processo de crescimento do que com uma máquina. E os ingredientes não são atomísticos no sentido de não terem relações essenciais com nada mais.

Mas os ingredientes são, na verdade, relações, e não átomos isolados. Portanto, uma entidade é uma unidade relacional, e não qualquer outra coisa. Bem, é isso que se encontra no idealismo evolucionista .

E tudo isso se traduz em Whitehead. Exceto pelo idealismo . Veja bem, Whitehead diz que vai traduzir isso, transferir para uma metafísica naturalista.

Portanto, ele não será um idealista evolucionista, mas sim um naturalista evolucionista. Pelo menos, é o que ele declara. Se isso mudará no final da vida, quando o conceito de Deus começar a ocupar um lugar de maior destaque em seu pensamento, é outra questão.

Mas pelo menos sua intenção ao desenvolver a metafísica era um naturalismo evolucionário. Na verdade, o pensador hegeliano que mais o influenciou foi F. H. Bradley. E aqueles de vocês que faltaram no último dia de aula ficarão para sempre empobrecidos, porque foi quando falamos sobre F. H. Bradley.

Quem Whitehead cita explicitamente, em vez de Hegel. E no material de Bradley que você tem na antologia de Gardner, você notará que Bradley fala de aparências e qualidades, e da distinção entre substância e qualidade, e coisas do gênero como pura abstração. Não uma realidade concreta em si mesma.

E Whitehead concorda. Então, essencialmente, o que você encontra na antologia de Bradley sobre o mundo das aparências ser uma abstração, não uma realidade concreta, Whitehead concordaria. O que ele discorda no idealismo, o que ele discorda é do idealismo de Bradley.

Mas, fora isso, ele deve assumir o controle. Bradley sustenta que o empirismo clássico, originário de John Locke, é culpado de todo tipo de abstração falha, a distinção entre qualidades primárias e secundárias. Bem, até mesmo Bradley demonstrou que se tratava de uma abstração, não sendo verdadeira nem mesmo para a experiência concreta.

A distinção entre qualidades e substância. Bem, acho que Berkeley mostrou que era uma abstração, porque como saber qual substância existe se tudo o que se conhece são as qualidades? Algo que eu não sei o quê. É uma abstração. A distinção espaço-tempo.

Bem, certamente em termos da física moderna, torna-se uma abstração. Conhecimento representacional. Ideias que representam algo mais.

Abstração. Assim, do começo ao fim, ele percebe a abstração que existe. E quando Bradley fala sobre haver graus de realidade no mundo das aparências, graus variáveis de realidade no mundo das aparências, essa é precisamente a linguagem que Whitehead aprecia.

Graus variados de manifestação. E vamos abordar isso quando chegarmos aqui embaixo e observarmos seu gradualismo. Há vários graus em que a natureza básica das coisas se torna explícita na hierarquia do ser.

Agora, nesse idealismo evolucionista do século XIX, porém, há uma outra nota que talvez não seja tão explícita em Hegel, embora a tenhamos mencionado. Tendemos a destacá-la, e essa é a influência do Romantismo do século XIX. Não tenho certeza se Whitehead absorveu isso tanto de Hegel quanto de Wordsworth.

Sua filha escreveu que houve uma época em sua vida em que ele lia Wordsworth como se fosse a Bíblia. Ela se casou com, creio eu, um clérigo episcopal, então presumivelmente ela sabia do que estava falando.

Mas os temas de Wordsworth permeiam toda a sua obra. Você os encontrará em um capítulo intitulado "A Reação Romântica na Ciência e no Mundo Moderno", que contém tanta poesia quanto filosofia, incluindo a poesia de Wordsworth. Isso porque ele está analisando o conteúdo filosófico da reação romântica contra a ciência mecanicista e o racionalismo do Iluminismo.

E tudo bem, isso faz parte do idealismo do século XIX, mas a origem dessa inspiração para Whitehead fica bastante explícita. E encontrei identidades verbais entre os poemas de Whitehead e parte da linguagem presente nos poemas de Wordsworth. E também em parte da linguagem do processo criativo de Whitehead, que é seu extenso tratado técnico sobre metafísica.

É um material fascinante. Portanto, se você quiser ler Whitehead extensivamente, sugiro que leia os poemas de Wordsworth ao mesmo tempo. É muito interessante.

Muito bem, essa é a primeira influência. A segunda influência vem da ciência moderna. Afinal, ele foi antes de tudo um matemático e um cientista.

Ele colaborou com Bertrand Russell, creio que em 1903, em uma obra que realmente introduziu a lógica simbólica no século XX. Uma obra chamada *Tractate*. Bertrand Russell, não, não o *Tractate*, foi o que me levou a isso, o *Principia Mathematica*.

Os *Principia Mathematica*. Tenho um teleprompter aqui, como vocês podem ver, para me ajudar. Os *Principia Mathematica*, *Princípios da Matemática*.

Neste volume, Russell e Whitehead, ambos professores em Cambridge na época, colaboraram, demonstrando essencialmente que a matemática é redutível à lógica formal. Assim, introduziram o simbolismo matemático na lógica formal, eliminando a ambiguidade das variáveis e possibilitando os sistemas dedutivos formalizados que os lógicos apreciam.

Então, ele foi antes de tudo um matemático que, como outros matemáticos da época, tinha grande interesse em lógica e, portanto, em filosofia da ciência. E durante sua estadia na Universidade de Londres, onde lecionava filosofia da ciência, publicou três trabalhos em física teórica. Bem, pelo menos na área em que a física teórica se aproxima da filosofia da ciência.

Então, tudo bem, ele estava muito interessado nisso. O que na ciência moderna influencia a filosofia? Um fator, sem dúvida, é a biologia do desenvolvimento. Tanto em nível macro, com a teoria da evolução, quanto em nível micro, com a genética.

Biologia do desenvolvimento. Ele não fala tanto sobre isso quanto sobre física. Ele tinha mais afinidade com a física.

E você verá que em "A Ciência no Mundo Moderno" ele aborda o significado filosófico de três desenvolvimentos modernos na física. Em primeiro lugar, a teoria do campo eletromagnético.

Pensamos em termos de campos de força, em vez de simplesmente em termos de corpos com atração gravitacional. Campos de força. Em segundo lugar, a física quântica.

Onde as unidades básicas são, por assim dizer, unidades de energia em vez de partículas sólidas de matéria. Física quântica. E terceiro, a teoria da relatividade de Einstein, incluindo a relatividade do espaço-tempo, a teoria da relatividade geral.

E é igual a mc^2 . Teoria da relatividade. O professor que ministrou o curso de Whitehead que fiz na pós-graduação disse que havia apenas duas pessoas que realmente entendiam a teoria da relatividade.

Um era Einstein, o outro era Whitehead. Agora, se houve alguma melhora nisso nos últimos 200 anos ou algo assim, eu não sei. Mas pelo menos parece que houve.

Você está acordado? Ok. Mas pelo menos ele parece entender a teoria da relatividade. E ele a integra à sua metafísica.

Incrível. Agora, observe o que está acontecendo. Aqui, ele é um naturalista, e não um idealista.

Aqui, ele se interessa pela física moderna. Ele se torna, portanto, um naturalista interessado na ciência moderna, um realista científico. Entendendo a ciência como algo que nos informa, de forma provisória, sobre a realidade.

O idealista tinha uma visão fenomenalista da ciência. Whitehead tem uma visão realista da ciência. No entanto, ambos parecem ter os mesmos fins e propósitos.

Ou seja, preservar uma visão romantizada da vida e da natureza. E, como veremos adiante, insistir que não há separação definitiva entre fato e valor. O mundo natural é carregado de valores.

Ora, o idealista queria dizer isso e, portanto, rejeitava a explicação científica da realidade. Whitehead quer dizer isso, mas aceita a explicação científica da realidade. Por quê? Bem, por causa da mudança na ciência moderna.

Ele sustenta que a biologia do desenvolvimento e a física energética, a teoria da relatividade, nos permitem afirmar que os fatos físicos da existência cotidiana são carregados de valor, significado e propósito. Ele está retornando a uma interpretação teleológica. Do universo científico.

Então, aqui está um naturalista filosófico que encontrará valor moral e estético inerente às coisas. Sim, ele fala muito sobre ciência em seus escritos. Ele considera que a filosofia tem uma função dupla em relação à ciência.

Uma delas é criticar as abstrações científicas. Lá está a palavra abstração novamente. As abstrações que tomam alguma noção teórica, como a igualdade, como a realidade última.

Uma abstração equivocada. Criticar essas abstrações faz parte da função da filosofia. E ele critica a ciência mecanicista.

E você verá que essa é a principal função dos seis primeiros capítulos do livro que você está lendo. Mas a segunda função é se envolver no que ele chama de voos de imaginação especulativa. Baseados na ciência moderna.

Em outras palavras, extrapolar da ciência para um esquema metafísico especulativo. E ele compara esses voos da imaginação especulativa a como eram as viagens de avião na década de 1920. Se você consegue imaginar isso.

Ou seja, você voaria acima das nuvens nesse mundo inebriante de imaginação especulativa. Periodicamente, para se orientar no mundo real, você desceria abaixo das nuvens e descobriria onde estava. Suponho que hoje, se ele estivesse certo, diria algo como "verificações de radar" ou algo do tipo.

Em outras palavras, são voos de especulação filosófica, especulação metafísica. Mas sempre partindo e retornando aos fatos da ciência e da experiência comum. Experiência concreta.

Porque ele é realista em relação a ambos. Então, se preferir, ele tem dois tipos de pontos de referência empíricos: a ciência e a experiência concreta.

Não as abstrações de um empirista como Locke, mas o tipo de experiência que podemos descrever fenomenologicamente, introspectivamente. A autoconsciência é a janela da realidade.

Introspecção autoconsciente. Assim, você perceberá que, à luz disso, ele está sempre denunciando certas falácias. A falácia da concretude deslocada.

Ih, nem sei escrever direito. Tudo bem. A falácia da concretude deslocada e a falácia da localização simples.

Bem, se o concreto é o oposto do abstrato, você pode perceber qual é a falácia da concretude deslocada. Atribuir concretude à mera abstração. Portanto, a falácia da concretude deslocada é a falácia de tomar abstrações como reais.

Partindo do pressuposto de que aquilo que são, na realidade, abstrações intelectuais, abstrações teóricas, possui existência concreta. Não é bem assim. Essa é a falácia da concretude deslocada.

E ele está sempre acusando a ciência mecanicista disso. Outra falácia é a da localização simples. A de assumir que existem pontos fixos em um espaço uniforme, em um tempo uniforme, de um tipo newtoniano.

Localização simples. Basta dizer as coordenadas e você consegue localizar o objeto. O problema é que o movimento ocorre tanto no espaço quanto no tempo.

E as coordenadas espaciais mudam, variando com o tempo. Relatividade. A relação do espaço com o tempo.

Consequentemente, a noção de uma localização simples, como a que usamos em geografia, é apenas uma abstração que pode ser útil em alguns níveis, mas completamente inútil em outros. Isso de acordo com a influência da ciência moderna. Agora, a terceira pode surpreendê-lo.

Os padres da Igreja de Alexandria. E você pode perguntar: o que um naturalista filosófico está fazendo negociando com os padres da Igreja de Alexandria? Na verdade, ele está tentando comprar a Doutrina de Lagos. É isso que ele está fazendo, comprando lá.

Ele quer comprar a Doutrina de Lagos. Ele está muito impressionado com o platonismo, particularmente com o platonismo médio.

Não se trata apenas de Platão, mas sim do platonismo médio, que desenvolveu o conceito de Lagos ao abordar a estrutura ordenada da natureza. Para entender esse ponto, é preciso voltar um pouco no tempo.

Para começar, assim como um hegeliano diria que toda a filosofia subsequente é uma série de notas de rodapé a Hegel, Whitehead, em certo ponto, afirma que toda a história da filosofia é uma série de notas de rodapé a Platão. E começamos a perceber que o que ele aprecia em Hegel é a visão dos processos da natureza como sendo fundamentalmente da natureza do espírito, criativo, mas com uma estrutura

de Lagos nesses processos, uma estrutura dialética de Lagos. Mas isso é apenas um dos aspectos que ajudam a compreender isso.

A outra é que ele cresceu em uma casa paroquial. Seu pai era um pastor episcopal de orientação evangélica na cidade de Ramsgate, no sudeste da Inglaterra, a 32 quilômetros da minha casa. Então, quando éramos crianças, costumávamos ir de bicicleta até Ramsgate com bastante frequência .

E acho que conhecia a igreja onde ele estava, embora não tenha voltado para verificar. Whitehead, então, cresceu nesta casa. Quando foi para Cambridge como estudante de graduação, por um tempo leu teologia avidamente e depois decidiu que não era para ele.

Ele não conseguiu comprar. Vendeu todos os seus livros de teologia, voltou sua atenção para a matemática e, junto com Bertrand Russell, cursou a graduação com ele. Mais tarde, porém, em uma de suas obras posteriores, publicada na década de 1930, intitulada "Aventuras das Ideias", fica muito claro que ele nutre um novo interesse pela teologia e, particularmente, por Orígenes e pelos platônicos cristãos de Alexandria.

Orígenes, Clemente, essa tradição. O platonismo médio está presente. E o que o atrai é a concepção do logos e a ideia de que nas emanações de Deus o bem, e lembre-se que eles não eram claros sobre a criação ex nihilo, nas emanações de Deus o bem, essa estrutura do logos se transfere para toda manifestação finita, como nos estoicos, para quem havia o logos spermaticos , o logos seminal em cada particularidade.

E é essa a forma de explicar a ordem da natureza, a bondade da natureza. Deus disse que era bom. O tema do platonismo é que o ser é bom.

Não necessariamente o devir, mas o ser é bom. E é isso que parece atrair particularmente como forma de encontrar uma base de valor em um mundo de fatos. A estrutura do logos.

Certo, então, essas três influências. Vou fazer uma pausa aqui para ouvir seus comentários, perguntas e esclarecimentos. Isso te ajuda a se reconectar depois do recesso de primavera? A se reconectar? Ok, tudo claro o suficiente sobre essas três? Ótimo.

Pronto. Muito bem, então nossa próxima tarefa é nos perguntarmos qual é esse esquema metafísico que ele desenvolve em devaneios de imaginação especulativa com base na experiência concreta e nos fundamentos da ciência moderna. Bem, já que dissemos que ele é um naturalista, e não um idealista, mas que foi profundamente influenciado pelos idealistas do século XIX e, particularmente, pelos

temas românticos, como ele descreverá o que é o último? Ora, ele não fala da realidade última como se houvesse uma única realidade e muitas outras ao mesmo tempo.

Veja bem, essa seria a linguagem de um teísta. A realidade última é Deus. Existem todos os tipos de outras realidades inferiores.

Essa não é a linguagem de Whitehead. A realidade última para Whitehead é algo que pulsa em tudo. E a realidade última para ele é, veja só, a criatividade.

Você diz: "Isso não é uma coisa. É uma propriedade." Bem, você tem razão, não é uma coisa.

A sua não é uma substância, metafísica, para ter o fim como uma coisa. A criatividade é uma propriedade? Não, não exatamente. É um processo.

É o processo de surgimento da novidade. E essa é a essência da novidade. Criatividade, novidade.

Agora, atenção, essa criatividade, mesmo quando ele desenvolve sua concepção de Deus muito mais plenamente do que no início, essa criatividade não é Deus. Não é Deus. Bem, para quem leu Bradley, isso não é surpresa, porque para Bradley o absoluto também não é Deus.

Deus é simplesmente a mais alta manifestação do absoluto. E para Whitehead, Deus é simplesmente a mais alta manifestação da criatividade. Agora, imediatamente, você começa a entender por que o Deus de Whitehead é atraente para as pessoas em nossa tradição cristã.

Veja bem, se Deus é a manifestação suprema da criatividade, então parece que ele poderia ser visto como o criador. Mas, tudo bem, o supremo. Agora, como você descreveria o processo criativo? Bem, obviamente, o ideal é começar descrevendo algum evento criativo em vez de descrever a criatividade como um todo.

Assim como para esses idealistas, o que eles fazem é observar a realidade em sua totalidade através das lentes da autoconsciência. Então, Whitehead tenta analisar introspectivamente algum evento criativo que conhecemos por experiência imediata. Portanto, o ponto de partida mais simples, e que parece ser o paradigma para ele desde o início, é a experiência da percepção sensorial.

A experiência da percepção sensorial. Observe que é precisamente aí que Hegel inicia sua fenomenologia da mente. Espírito subjetivo.

Sensação. E percepção. E na medida em que ele descreve essa experiência de percepção sensorial de forma introspectiva, o que ele nos dará é uma descrição fenomenológica da percepção sensorial.

O método fenomenológico, como em Hegel. Método fenomenológico. Então, o que ele faz ao descrever a percepção sensorial? Bem, ele distingue três modos na experiência perceptiva.

Percepção no modo de. Certo? A primeira é a percepção no modo de eficácia causal. A segunda é a percepção no modo de imediatismo apresentacional.

A terceira é a percepção no modo da referência simbólica. Ora, à medida que ele desenvolve isso, como faz em vários lugares, está sempre em contraste com a teoria da percepção de John Locke. Ora, quando John Locke descreve a percepção sensorial, o que vem primeiro? A eficácia causal ou as ideias? Hein? Na fenomenologia, na consciência, o que vem primeiro? As ideias.

Esse é o ponto de partida. Na consciência disso. São as ideias.

E para Whitehead, isso é um completo equívoco. É falso. Ele chama isso de falácia da primazia da imediatidade da apresentação.

Ele adora rotular as coisas como falácias. Parecia estar na moda nas décadas de 1910 e 1920. A falácia de dar primazia à imediatidade da apresentação.

Você consegue identificar o que é imediatismo de apresentação? A ideia que é apresentada imediatamente à consciência. O aspecto cognitivo.

A imediaticidade da apresentação reside no conteúdo cognitivo, na ideia. Já a eficácia causal, obviamente, se estivermos conscientes dela, é uma consciência afetiva, e não cognitiva. E a percepção disso é menos vívida na percepção sensorial, quero dizer, na percepção visual, do que, por exemplo, em coisas auditivas, onde há um ruído alto e depois você decifra o que é.

Ou no sentido do tato, onde o reconhecimento ocorre mais lentamente. Mas o seu argumento é que, se considerarmos o observador como a unidade psicossomática completa, o organismo humano como um todo, então, de um ponto de vista fenomenológico, em termos de consciência, o ponto inicial é a eficácia causal. Há algum efeito, causalmente, que é sentido.

E, iludido pela clareza da percepção sensorial, Locke falou de outra forma. Mas mesmo na percepção visual, se a luz for suficientemente brilhante, ela é sentida primeiro. A luz ofuscante.

Então, a primazia no modo de eficácia causal. Agora, observe o que isso acarreta. Veja bem, em John Locke, a ideia veio primeiro.

Então, surge a pergunta: o que causou isso? E é preciso haver um argumento de causa e efeito de natureza puramente intelectual, partindo da ideia, que é pensamento, não sentimento, mas pensamento, até aquilo que nos levou a pensar a ideia. Ou seja, a ideia é uma representação.

Tomara que seja uma cópia. E o que causa isso, não sabemos. Temos que inferir.

Existe uma causa? Não sabemos. Com certeza. Isso significa, portanto, que nosso conhecimento da realidade é sempre indireto.

Tem que ser inferido logicamente. Mas para Whitehead, se a eficácia causal é o que importa, a eficácia causal, veja bem, nessa experiência de eficácia causal, há um conhecimento direto da causa que me afeta. Por exemplo, se Ryan se levantasse e eu lhe desse um soco no queixo, ele teria uma consciência direta da causa que o afeta.

Então, o que temos, com base nisso, é um conhecimento direto da existência de um objeto real. É assim que ele pode ser um realista. Veja bem, ao contrário de David Hume, que afirma que só conhecemos conjunções constantes, ele argumenta que experimentamos conexões causais.

Hume está errado. Hume tropeçou na falácia da primazia da imediaticidade da apresentação. Veja bem, com um rótulo tão importante, seria de se esperar que ele tivesse percebido.

Mas não. Ele estava tão preso ao modo de pensar lockeano. Essa consciência da eficácia causal não tem nada a ver com conjunções constantes.

Quantas pancadas Ryan precisa levar no queixo para se dar conta? Uma, com certeza, já basta. A imediaticidade do momento. A imediaticidade da apresentação vem em seguida.

Uma ideia me vem à mente. Agora, não há garantia de que a ideia esteja correta. Você sabe como é.

De manhã, você é acordado pelo toque de um sino, pega o despertador e diz: "Olá". Você entendeu errado. Mas você tem uma ideia.

Assim, a imediaticidade da apresentação fornece uma ideia hipotética. Sem garantias. E o que você faz é pegar essa ideia e relacioná-la à causa do estímulo.

Note que a ideia não é uma representação, uma cópia. É um símbolo. De onde ele tirou essa linguagem? Diretamente de Bradley.

Veja bem, Bradley, em sua crítica ao empirismo tradicional, disse que as ideias não são cópias, representações. São símbolos que usamos para pensar sobre as coisas. Então, pegamos a ideia e a usamos como um símbolo ao nos referirmos a ela.

Assim, temos conhecimento indireto da essência de um objeto. A essência é o que ele é. A existência é o que ele é.

Então, você tem uma consciência direta de que algo existe e uma consciência indireta do que é. Agora, observe o que está envolvido, algo mais que está envolvido nessa questão tripla. O que, nesses três aspectos, é a causa da experiência perceptiva? Quais são as causas, quais são os fatores que criam essa experiência de percepção? Bem, primeiro, existem dados objetivos, condições objetivas que afetam o estado atual de consciência.

Então, se quiser, meu devaneio é perturbado por essas premissas causais. Estímulos causais são dados objetivos que afetam causalmente. Em segundo lugar, à medida que as ideias se desenvolvem, estas são o que ele chama de possibilidades eternas.

O que é isso? É o telefone tocando a essa hora da noite . Você diz que é uma possibilidade. Você está enganado.

É o despertador. Mas as ideias são simplesmente possibilidades que vêm à mente. E o mundo está repleto de todos os tipos de possibilidades.

Possibilidades objetivas e lógicas que você considera. E então há um terceiro fator que completa a experiência perceptiva: a decisão.

Então você diz olá e percebe que estava errado em sua decisão. Mas a decisão, veja bem, é selecionar dentre as infinitas possibilidades, toda a gama de possibilidades propostas pelo estímulo. Você seleciona dentre elas e segue em frente.

E pode ser que o símbolo que você usa para se referir à coisa seja o que funciona. Talvez não. Mas com a experiência, você começa a saber qual é o símbolo que deseja, qual funcionará.

Bem, eu disse que a experiência perceptiva é o evento paradigmático dele. O evento de uma experiência perceptiva. Ótimo.

E o seu argumento é que em cada experiência, em cada evento, em todo o processo cósmico, existe, em primeiro lugar, uma eficácia causal. Um processo causal real.

Existe, em segundo lugar, a consideração de possibilidades que são apresentadas como possibilidades à mente, ideias.

Tive uma ideia. O que é uma ideia? É uma possibilidade. O que é isso que está acontecendo? Bem, tive uma ideia.

Possibilidade. E há a decisão em que, no processo, o sorteio é feito e você escolhe uma possibilidade. Agora, você poderia diagramar isso de uma forma mais geral.

Diagrama assim. Aqui está o processo até este ponto. Neste ponto, há alguma intrusão causal.

Certo. A partir daí convergem todos os tipos de possibilidades eternas que seriam sugeridas por tal intrusão causal. Portanto, de uma gama de um número indefinido de possibilidades, existem algumas que são relevantes neste caso específico .

E a partir dessas possibilidades, toma-se uma decisão. Veja bem, com essas possibilidades, você poderia seguir nessa direção. Possibilidades um, dois, três.

Você poderia ir nessa direção. Você poderia ir nessa direção. Você poderia ir nessa direção.

Correspondendo às várias possibilidades eternas. E escolhendo a número dois, a todo vapor, nessa direção. Portanto, sempre há três elementos constituintes em cada evento no processo cósmico.

Dados causais objetivos . Possibilidades inerentes. Sim, os processos naturais estão repletos de possibilidades para o bem, para o mal, carregados de valores .

Sim. Então você tem a causalidade objetiva dada, você tem as possibilidades eternas e, em terceiro lugar, você tem a decisão. Agora, se você conseguir entender isso, Whitehead é fácil.

Veja bem, a pergunta fundamental de Whitehead é: qual a origem dessas possibilidades eternas? E, como eu já mencionei que ele está buscando uma doutrina de Lagos, qual é a origem? Deus, o Lagos. Que não é um criador em nenhum sentido, né? Deus não é uma força causal.

Deus é simplesmente o ordenador , a providência, o Lagos. Entende? É por isso que ele não é teísta. Ele é deísta? Não, um deísta chega a criar.

Então ele não é teísta, nem deísta. Ele é panteísta? Não, porque existem outros eventos além do evento supremo, que é Deus. Bem, o que ele é? É Whitehead.

Veja bem, ele não se encaixa em classificações. É, deixa eu fazer uma pausa aqui. Você percebe o que ele está fazendo? Você vai descobrir que esses três elementos, eu diria, têm grande importância em todo o seu esquema metafísico; os dados objetivos são simplesmente outros eventos.

Outros eventos espaço-temporais afetam causalmente o estado atual desse fluxo. Portanto, há uma interseção de dois fluxos causais. Essas possibilidades eternas ele chama de objetos eternos.

Não objetos no sentido de substância, mas no sentido de objetos do pensamento, ideias. Ideias são objetos do pensamento, objetos do pensamento. Estes são objetos eternos.

Ele às vezes chama esses eventos de entidades reais. Portanto, sua metafísica é uma metafísica de entidades reais que compõem um processo espaço-temporal. Com objetos eternos, que são possibilidades lógicas do que poderia ser, e decisões que explicam a individualidade das coisas.

O que torna isso uma percepção individual, uma percepção particular? Veja bem, o que faz da sua vida a sua vida individual? Bem, nesse fluxo há uma decisão, uma decisão, uma decisão, uma decisão. Uma decisão que, em todos os casos, traz o que ele chama de satisfação, não necessariamente satisfação emocional, mas no sentido de que o estímulo causal é assimilado de alguma forma pelo eu. Assim, torna-se um ingrediente na individualidade contínua .

Assim, o processo envolve elementos individuais causalmente relacionados a outros elementos individuais. Ou, se preferir, subprocessos individuais estão causalmente relacionados a outros subprocessos individuais. Disso, abre-se espaço para todo tipo de possibilidades, possibilidades criativas.

Apenas algumas delas se concretizam. E algumas dessas se concretizam em virtude das decisões, em virtude das quais se definem os rumos no processo individual. Ora, esse tipo de evento é o paradigma , e é aí que podemos compreender o gradualismo.

Porque, embora na percepção seja algo consciente, e você tenha consciência de todas as três coisas, em outros graus de realidade, pode não ser consciente. Portanto, existe um análogo de baixo nível para a decisão, que não é consciente, no qual ninguém decide, mas é o ponto de corte, no qual, na confluência de eventos, uma certa possibilidade é certa. Exemplo.

Naquele clima maravilhoso que tivemos na semana retrasada, meus narcisos, não, minhas tulipas, com licença, meus bulbos de tulipa, enfileirados no canteiro de flores do quintal, estavam ficando bem altos, literalmente. E minha mente se encheu de possibilidades para uma explosão de cores em algumas semanas, mais cedo do que

nunca nesta época do ano. Claro que outras possibilidades também me vieram à mente.

Mas, no processo de desenvolvimento das minhas tulipas, havia todo tipo de possibilidades. Até que chegou o momento da decisão, aquela onda de frio da semana passada. Que congelou minhas tulipas, de modo que agora elas estão murchas, mortas, caídas no chão.

Havia uma possibilidade o tempo todo. E o momento decisivo foi aquela geada forte, com a temperatura caindo para dez graus em uma noite. Adeus, minhas tulipas da primavera.

E você tem tudo a mesma coisa ali. Você tem o processo dado, no qual existem todos os tipos de dados objetivos que os afetam. E dependendo dos dados objetivos que os afetam, há toda uma gama de possibilidades.

Agora, com as tulipas, o processo é muito mais determinístico do que as decisões conscientes que você e eu tomamos. Ele não está dizendo que a decisão é livre por parte das tulipas. Mas está dizendo que, uma semana antes, era indeterminada e resultado da confluência de eventos.

É só isso. Isso acontece em todos os eventos. É da natureza do processo.

Ei, nos excedemos do tempo, me desculpe. Ok, continuamos disso na próxima vez.